A céu aberto:
a grafia porosa de João Gilberto Noll

CRISTINA MARIA DA SILVA*

A céu aberto tudo me abrigava melhor do que numa casa, ali não tinha natureza social a cumprir.
João Gilberto Noll, 2008, p. 88.

Quand je m´endors contre ton corps/Alors je n'ai plus de doute/ L´amour existe encore.
Luc Plamondon; Richard Cocciante

Resumo: Este trabalho discute a literatura de João Gilberto Noll a partir do livro *A céu aberto* para pensar como sua grafia literária rasura signos e o lugar dos sujeitos, devolvendo-os à um mundo inconsciente e à céu aberto, abrindo em suas andanças solitárias, espaços errantes da recriação poética de si. A literatura de Noll é aqui recuperada a partir das contribuições dos trabalhos acadêmicos de Brayner, Matias de Sousa e Camargo, que demonstram como obra literária e corpo são grafados por uma linguagem devoradora de continuidades e imposições signícas e evidenciam como não podemos esquecer a escrita desse autor, pois sua obra é uma das lembranças mais latentes de sua existência na literatura brasileira.

Palavras-chave: A céu aberto; João Gilberto Noll; Literatura Brasileira.

Abstract: The present work discusses the literary work of João Gilberto Noll through the book *The open sky*, in order to think how the author's literary writing blurs signs and the placement of subjects, returning them to an unconscious work under the open sky, opening their solitary wanderings and errant poetic spaces of the poetical recreation of oneself. Noll's literature is considered here form the contributions made by the academic works by Brayner, Matias de Sousa and Camargo, which demonstrate how both literary work and body are written by a language that devours sign continuities and impositions, and highlight the importance of not forgetting the writing of such author, since his work is one of the most latent memory of his existence in Brazilian literature.

Key words: The open sky; João Gilberto Noll; Brazilian Literature.

* **CRISTINA MARIA DA SILVA** é Professora Adjunta IV - Departamento de Ciências Sociais (UFCE). Membro da Biograph e Associação Brasileira de Antropologia (ABA). Coordenadora do Grupo de Estudos e Pesquisas Rastros Urbanos.

No dia 29 de março de 2017 tomo conhecimento pela página do *Facebook* do falecimento de João Gilberto Noll (1946-2017). Uma nota compartilhada de postagem de sua sobrinha Andressa Noll, na página do escritor dizia: "É com muita tristeza que informo o falecimento do meu tio João Gilberto Noll. Será velado e enterrado no Cemitério João XXIII hoje dia 29/03 quarta-feira na capela 9. Velório com previsão de início às 8h00 e enterro às 18h00." [1]

Eram só três linhas, mas me demorei muito tentando entender o que estava escrito nelas. Só fui compreendendo melhor quando os amigos começaram a me escrever, pois lembrava que minha tese tinha sido escrita sobre o seu trabalho. Alguns indagaram que queriam me ouvir, mas sinceramente não pude atender a velocidade das redes e fazer uma rápida associação e traduzir o que estava pensando e sentindo em palavras. Talvez, de algum modo, seja essa a pretensão desse Dossiê, compartilhar minha compreensão sobre a literatura de Noll e trazer comigo alguns dos autores que foram importantes para mim no meu processo de escrita refletido essa obra.

Diante da morte de Noll, Fabrício Carpinejar, com uma escrita contundente escreveu que "Noll foi assassinado!", assassinado pela indiferença da sociedade, poder público e de suas instituições. Afirma:

> Não me insulte alegando que ele morreu de velho. Ninguém é mais velho aos 70 anos. Morreu de solidão nesta cidade abandonada às bestas, onde os livros são uma seita para pouquíssimos e corajosos. (...) Não parecia que perdíamos um de nossos mitos da literatura, da estatura de um Mario Quintana, de um Caio Fernando Abreu e de um Moacyr Scliar. Foi um enterro simples, caseiro, envolvido pelos familiares e amigos mais próximos, com apenas três coroas de flores enviadas para ornar a cabeceira do caixão. Não teve fila para se aproximar do corpo e abençoar a sua partida. Então, não me diga que ele morreu de morte natural. Foi assassinado pela indiferença. Pelo desprezo. Pela desinformação. Pela tristeza e pelo desgosto. Como o nosso maior ganhador de Prêmio Jabuti, o mais prestigiado do país, vencedor de cinco edições (1981, 1994, 1997, 2004 e 2005), vivia na total clandestinidade em Porto Alegre? Como permitimos a sua desaparição pública? (CARPINEJAR, 2017).

Com a leitura dos livros de João Gilberto Noll aprendi que a vida e as letras se tocam e nesse território de palavras podemos construir pontes, estradas,

[1] Disponível em: https://www.facebook.com/Jo%C3%A3o-Gilberto-Noll-234477086576472/.

caminhos. Nem tudo foi dito, e se já o foi, pode ser relido e reescrito. Essa percepção aliviou-me um pouco dos pesos da vida, apesar dos dias de dores e agruras. Com a sua literatura encontrei afago, ainda que ao abrir cada página fosse como perder o chão e prender a respiração. Nunca saí a mesma depois de ler um livro seu. Em sua casa, em Porto Alegre, quando me recebeu em julho de 2007, encontrei companhia, generosidade e o afeto de um grande poeta. Nesse encontro fixou-se em minha memória as águas turvas do Sul, um dos territórios de sua obra, a sua grafia porosa e a sua imagem de fala ritmada e compassada, quase um canto lírico, e seus passos vagarosos pela sala. Lembro-me também que ao ver uma mesinha na sua cozinha com vários medicamentos, pensei, como pode alguém como ele ser finito? Como alguém como ele poderá um dia deixar de existir nesse corpo? Noll é um poeta e como todos os poetas trouxe a tempos onde se prima tanto pela velocidade, um compasso lento, um passo que me lembra o toque suave das mãos tentando acertar uma nota no piano. Sua obra é musical, é poeticamente musical. [2]

Conheci a literatura de Noll nos cursos de literatura do programa de pós-graduação da UFRN em 2003, ministrados pela a Prof. Dra. Ilza Matias de Sousa. O primeiro livro que li foi *Bandoleiros.* Imediatamente me dei conta de que algo muito estranho estava acontecendo. Eu estava lendo um livro em português, minha língua materna, mas eu não compreendia absolutamente nada daquele mundo para o qual o autor me levava. Tentei resolver a questão lendo outro livro e encontrei *Rastros do Verão.* A situação não mudou. Um mal-estar, uma sensação de que eu não tinha acesso aos códigos daquela linguagem que eu lia, se intensificou, ainda que fosse forte e àquilo me tocasse profundamente. Desde 2004, nesse curso, não parei mais de ler João Gilberto Noll e fiz desse não entendimento e da minha profunda incompreensão diante do que lia um projeto de doutorado, no qual passei quatro anos (2005-2009) lendo todos os seus livros, escritos até 2008, entrevistas, bem como a imensa literatura crítica de seus textos. O leitor não está pronto, ele se constitui nos rastros do que lê, esse foi mais um dos aprendizados que a literatura de Noll me ensinou.

Sua escrita não busca lampejos de claridade ou precisão, adentra às entranhas das sombras humanas, onde a configuração do tempo e do lugar se esgarçam, diluindo linearidades. “Não procuro decifrar tudo o que escrevo, não. Preciso de uma certa escuridão.” (NOLL, 1996, p. 1). Uma escrita que se deixa tocar pelas camadas inconscientes (do latim *inconscius*: desprovido de consciência, zona não mensurável) de seu próprio fluxo, mas também expressa as passagens das sensações, os intervalos das ações, o que é dito e o que não é dito, entre o racional e o irracional, enfim, o que se deita às margens da consciência.

Nos textos aqui apresentados Ilza Matias de Sousa abordando Deleuze, Guattari, Foucault, Derrida, Artaud, Blanchot e

[2] Essa lentidão da narrativa foi visível quando João Gilberto Noll esteve presente na Universidade Federal do Ceará para encerrar um evento. O ritmo de sua voz causava desconforto na sala, todos se mexiam-nas cadeiras, mas era isso, sua voz ritmava um outro tempo, uma outra apreensão da existência, mas sensorial e profunda e menos racional e veloz. Sua palestra foi intitulada como: "Dar ritmo à correnteza", que encerrou o Encontro Nacional de Estética, Literatura e Filosofia, no dia 31 de julho de 2015, às 16h, quando a Profª Anélia Pietrani (UFRJ) entrevistou o escritor gaúcho João Gilberto Noll. Em http://www.ufc.br/noticias/noticias-de-2015/6516-ii-encontro-nacional-de-estetica-literatura-e-filosofia-recebe-inscricoes

Bataille, aponta como Noll se inscreve numa poética da literatura contemporânea. Sua narrativa se articula com as constantes transformações da vida, que atuam sobre sujeitos rasuras e inscrevem-se nos seus corpos e nas posições das suas carnes. Seus personagens são desabrigados, indigentes, mudam incessantemente de ser. Seus corpos são fugidios, pois precisam desorganizar seus corpos para escapar do significante e das clausuras e ferrolhos do social instituído. Os espaços por onde caminham são rotos, corroídos, as cartografias são despedaçadas. Num excesso de carnes, falta de sentido e na via da morte, são ungidos por uma guerra que carregam em seus corpos e que se trava na cidade, como aponta a autora a partir de *A fúria do corpo.*

Nesse Dossiê, Aquiles Brayner, retomando os livros de Noll: *A fúria do corpo e Bandoleiros,* a partir de Merleau-Ponty, reflete como somente através de nossos corpos é que a consciência humana pode ser estabelecida numa relação sensorial constante com o mundo e os outros. Ser é existir como corpo físico e sensível. Saber, ver, ouvir, tocar, penetrar são sensações, mas são elas que demonstram que o único roteiro é o corpo. Esse roteiro não toma como referência estados de consciência, é meio esquizofrênico, mergulha no não familiar.

Fábio Camargo recupera a perspectiva do movimento surrealista e como na narrativa de João Gilberto Noll o surrealismo e suas potencialidades se inscrevem, na "acoplagem de elementos díspares e na obsessão pelo corpo". Um olhar, que segundo o autor recuperando Walter Benjamin, possibilita o inconsciente aflorar no processo da escrita. A experiência literária é levada ao extremo, fazendo com que se dissolvam as fronteiras entre o sono e a vigília, entre o sonho e a realidade. Não interessa representar a realidade, na literatura de Noll. *A máquina de ser*, um dos títulos de livros de Noll, é tomado como metáfora, para pensar o ser humano, que não é um objeto artificial, mas antes de qualquer coisa, uma máquina desejante, como retoma o autor a partir de Deleuze, Guatarri e Artaud. O corpo é rarefeito sobre o travesseiro, diante da ordem das coisas e estranho diante da cultura, da qual faz parte. Não se sabendo desperto ou sonhando esse corpo se faz linguagem em aliterações e sinestesias, articulando relações interditas e abjetas, numa narrativa errante, como aponta a leitura de Camargo.

A obra de Noll, aqui retomada, através de alguns de seus livros, reinscreve o social, vemos letra que inscreve o corpo numa outra posição ou movimento. Letra e corpo deslizando juntos semanticamente, decompondo signos impostos, fluidos em seus prazeres e escrituras. "A literatura é "apenas a reconfiguração, vertical, de signos que são dados na sociedade, na cultura, em camadas separadas." (FOUCAULT, 2001, p. 167.)

A céu aberto

Gilberto Noll publicou treze livros e recebeu inúmeros prêmios em vida, como o prêmio Jabuti em cinco ocasiões. *A céu aberto* foi publicado no Brasil em 1996 pela Companhia das Letras e em 2008, sua terceira edição foi feita pela Editora Record. Foi traduzido em italiano, em 2006, por Di Malta P., pela editora Barbera com o título *A cielo aperto*. Foi traduzido como *A cielo abierto* em espanhol pela Adriana Hidalgo Editora, em 2009, em Buenos Aires- Argentina.

O narrador explica sua relação com esse céu aberto e sua oposição a qualquer ordem que o limite:

> A céu aberto tudo me abrigava melhor do que numa casa, ali não tinha natureza social a cumprir, aquele meu trabalho de vigia noturno nem tinha muita razão de ser, nenhuma finalidade exposta, não sabia muito bem o que estava a guardar noites a fio, grande quantidade não era, já falei, algumas cargas de trigo, o resto aranha, traça, rato, gambá, gatos, cobras, melros, jabutis, sapos e um cheio às vezes de merda de tanto que entravam os bicho numa de cagar no paiol, outras o cheiro de sexo mesmo, tonteava até quando o cio dos animais atingia ali dentro um alto grau de concentração e atividade numa noite levei uma fulana para foder no feno mixuruca do paiol, uma noite em que o cheiro de cio anda mais ativo que nunca, pois essa fulana tonteou mesmo e desmaiou nos meus braços, eu a depositei sobre o feno, me desabotoei, deitei sobre ela, puxei a saia para cima (...) foi como um choque elétrico (...) o meu negócio nem ficou tão duro assim, mas dei um beijo fundo nela e ela voltou do desmaio num relance, abriu os olhos (...) e a partir dali, daquele beijo profundo, perdemo-nos completamente a luxúria entre nós dois... (NOLL, 2008, p. 88-89)

A voz de Noll parecia anunciar uma sociedade em morte iminente. Um *réquiem* (do latim *requiem:* descansar, repousar)[3] para os valores já esgarçados. Uma voz pausada, lenta, quase nauseante e ele sabia do incômodo que causava com essa lentidão, pois estava sendo narrador e porta-voz, como todo poeta, das rasuras de um tempo e da insaciável sede do que é humano em se recriar. Na escrita de *A céu aberto* Noll afirma: "O romance tem mais tempos mortos, e eu sempre procuro, nos meus livros, esgarçar as possibilidades desses tempos mortos, fazer disso uma espécie de liturgia." (NOLL, 1996, p.1).

O que seria esse tempo morto no romance? O mesmo que escutar os mortos com os olhos? Morte das referências e de uma pretensa moral social? Revisitar a obra de um morto com os olhos, tocar cada página escrita, encontrando nela linhas que antes não prendiam o olhar. Um tempo morto. Lembra-nos Chartier (2008), através dos versos de Quevedo: "Escuchar a los muertos com los ojos", das várias sombras que perpassam nossa trajetória e as nossas palavras, uma presença triste pela ausência, mas sem essas ausências e mesmo os vazios daqueles que nunca escreveram, não estaríamos nós escrevendo, narrando, contando as histórias que experimentamos.

No momento da minha escrita de tese de doutorado sobre João Gilberto Noll (SILVA, 2014), pensava em como toda a minha bibliografia era uma bibliografia viva, os escritores que eu lia Noll e Ruffato e meus referenciais teóricos. Mas e agora? O que é olhar para um romance que o próprio autor diz ser escrito num tempo morto, e agora, sobre um narrador que está morto? Em conversa com professora Ilza Matias de Sousa para este Dossiê ela mencionou: "Não seria esse tempo morto do romance o da produção de fantasmas, que assombra a fábula, com tantos mortos interpostos na trama?" Um tempo morto talvez como o pássaro no tempo do pouso, respiração suspensa, pequena morte do canto e do bater das asas. Se em *Memórias póstumas de Brás Cubas* de

[3] Réquiem, *missa pro defunctis, missa defunctorum*. Missa para os mortos, missa dos mortos.

Machado de Assis, tivemos um morto que voltava para falar com os vivos e narrar sua existência, em Noll, o próprio romance é um fantasma, um assombro das experiências no esgotamento do corpo e da voz. Já não sustenta a representação, antes projeta seus pedaços como um mosaico colorido que não forma figura alguma, sustentando somente o gozo e a busca sensorial por sentidos e prazeres que possibilitem proximidades de acesso ao desejo. No gozo e na exaustão, nos vazios da memória e nos delírios, um encontro com a morte: com a finitude, com o limite, tudo a céu aberto, sem interdições, assim, desenha as letras da narrativa.

> Na terra para onde irei precisarei ficar tão sozinho que nem enterro terei. O morto a céu aberto, repasto para os urubus, exposto às intempéries com o fígado despedaçado à mostra, a sobra de uma tripa intestinal a poucos metros... Que um cão faminto a vislumbre e venha... (NOLL, 2008, p. 130).

Em suas palavras o livro *A céu aberto* foi escrito em um momento que para ele era mais importante a narrativa longa do que os contos ou crônicas, foi escrito à mão, num tempo no qual escrita e respiração se encontram e o papel é texto vivo da experiência. Em suas palavras, o livro:

> Tem um trabalho poético demorado, a pontuação foi bastante trabalhada. Escrevo à mão, e quando escrevo, o que sai tem a ver até com a minha circulação, a respiração. Em alguns momentos que escrevo, sinto uma sofreguidão, fisicamente. A mão acompanha isso e a pontuação do texto também. (NOLL, 1996, p. 1).

Noll grafa (grafia do grego *graphein*: escrever, representação escrita de uma palavra) a vida na letra. Carne e palavra parecem indissociáveis. A letra respira através da pontuação e das imagens que aciona. Sua literatura suspende o tempo. Escorregamos pelos acontecimentos numa lentidão subterrânea aos ponteiros dos segundos de um relógio. Suspende também o espaço numa "geografia rarefeita" (NOLL, 1990, p. 22). Sabemos pouco dessa geografia e de suas localizações, as ações se sobrepõem as ambiências. O próprio corpo na narrativa se desenha rarefeito: entre o sono, o sonho e a realidade, estranho à ordem e às imposições que o tentam demarcar. [4]

Suas grafias também suspendem sua referência diante do real. Como literatura, embaralha os enredos da vida e cria um mundo próprio. Se o real e a realidade existem não importa muito, importa muito mais as sensações que percorrem o corpo no tempo (tanto daquele que escreve como daquele que é narrado); e como essas sensações reposicionam o corpo e a existência. Para lembrar Nietzsche: "Tudo é corpo e nada mais; a alma é apenas nome de qualquer coisa do corpo. O corpo é uma multiplicidade com um só sentido, uma guerra e uma paz, um rebanho e um pastor." (NIETZSCHE, 2000, p. 41.).

[4]Como cita Camargo neste Dossiê: Em *Máquinas de ser*, Noll fala desse corpo rarefeito: "Lembro que ainda consegui ver mais nítido as duas partes do meu corpo: uma, feita pela minha solidão com a matéria do meu sono; outra, que só possuía o meu braço e mão acariciando bem desperta o corpo dele, um corpo diga-se de passagem agora bem rarefeito sobre o travesseiro". (NOLL, 2006, p. 41, apud Camargo). Essa perspectiva lembra-nos do que fala Michel de Certeau em seu texto A Economia Escriturística: "Para que a lei se escreva sobre os corpos, deve haver um aparelho que mediatize a relação de uma com os outros. (...) Serão criados objetos para "apertar, endireitar, cortar, abrir ou encerrar corpos." (CERTEAU, 2009, p. 211-212. Noll grafa um corpo que se rebela à essa lei, a essa máquina de escrever e a essa panóplia que desenha em pontos fixos as relações entre regras e corpos.

Corpo e letra se tocam, a letra grafa e é grafada. "O que de fato parece fundamental é sabermos que em qualquer um dos casos o que vamos encontrar são "rastros da vida social" ou vida social entre os rastros da literatura." (BORGES In: SILVA, 2014, p. 17).

Os narradores e protagonistas na narrativa literária contemporânea encenam juntos suas tramas, suas biografias se entrelaçam, como ressalta a professora Ilza Matias de Sousa em seu trabalho de tese:

> Os narradores e protagonistas encenam nas mesmas linhas e páginas, na mesma falta de pontuação e no fluxo das escrituras. Este processo para o escritor é resultante de inúmeras "influências, filiações e transmissões", como ressaltou Ilza Matias de Sousa em seu trabalho: *A Arte Amorosa e Devoração Literária*, porque desestratificando as representações por imagens fluídas, efêmeras, os escritores retomam da memória e do que olham no cotidiano suas "encarnações" literárias. Personagens vão tendo o rosto moldado pelas lembranças dessas histórias vividas, observadas, imaginadas e através delas compõem nas escrituras diferentes pontos de subjetividades, fragmentadas, desconcertantes, singulares. (SILVA, 2014, p. 45).

Essa "geografia rarefeita" se dá em um contexto de movimentos descontínuos, com personagens sempre carregando seus corpos exaustos e com falhas na memória. Tempo e espaço são experimentados sensorialmente e não de maneira cronológica ou linear, o narrador também é afetado por essas sensações, suas descrições revelam alguém que conta e sente. Um ser que descreve a exaustão e a carrega em si. "Eu andara esses anos todos por aí, e que história pessoal eu poderia contar? Por essa geografia rarefeita quem tinha gerado comigo alguma memória duradoura?" (NOLL, 1990, p. 22).

Corpo e letra caminham juntos, numa grafia mais inconsciente do que racional. O narrador parece escrever com os olhos fechados, tateando a vida e o que é para ser dito. Corpo e cidade parecem ser extensão do outro, a exaustão do corpo é o esgarçamento do social. O caos urbano e suas desterritorializações parecem ser o turbilhão de emoções do corpo individual. Não há separação entre ambos. Assim, como parece que é um mesmo ser que atravessa a diversidade da narrativa de Noll, ele revela isso em suas palavras:

> Esse homem que perpassa toda a minha ficção, embora não tenha continuidade *ipsis literis*, esse homem é uma coisa em cada ficção, mas é sempre o mesmo personagem. E de certa forma quero talvez ter a possibilidade de transcender esse tipo de inadequação e conhecer outras. [5]

O corpo desse personagem explode em fúria, pois tenta desgarrar-se da sociedade controladora e repressiva. O corpo debate-se com raiva, como mar em final de tarde.

> Seria outra a matéria, talvez mais fina, que os filósofos costumavam discutir? Enquanto nós aqui, brucutus, tínhamos que lidar com porras e outras matérias tão ressecáveis e desconfortáveis...seríamos nós os que bebiam água da sarjeta como os cães?, e os outros seriam os que teciam o ilusionismo da matéria fina, aqueles que bebiam direto da fonte pura, inesgotável, infinita? Eu

[5] NOLL, João Gilberto. Depoimentos: *O avesso do conhecimento.* In: O lugar do escritor de Eder Chiodetto, Cossac & Naify. Correio Brasiliense. 10 de novembro de 2002.

> queria sim ser esse que bebe como um cão da água da sarjeta, que sente a porra ressequida na ponta dos dedos, que beija a lisa pele interna de um cu pensando que são lábios. Eu queria ser esse musgo que cresce da pedra, esse veludo mineral, isso que não sai de si mas cresce vive fenece. (NOLL, 2008, p. 102).

Um corpo que busca um outro, outra linguagem, outra cidade, talvez por isso, o narrador não consegue nomeá-la, ela não existe. Ela é desejo, ela é pele e desejo do encontro, essa cidade é território ainda de esperas. Em *A céu aberto* Noll diz ter mudado sua perspectiva quanto à nomeação dos lugares. "Deixei de lado um certo hiperrealismo, no sentido de citar nomes de rua, das geografias. Me despojei disso. Queria um teatro dentro do romance, em termos de instantaneidade, presentificação". (NOLL, 1996, p. 1).

A cidade não só não é nomeada, ela é parada para que os passos, os movimentos e as posições dos corpos se propaguem. Da cidade em silêncio, anônima e a céu aberto emergem corpos estranhos, abjetos, excrementos que se guardam debaixo do solo de seus territórios. Errantes sinalizam o disforme, corpos que não cabem no gênero, selvagens, anômalos e não se deixam gerir.

> Fui saindo do navio sem olhar para trás, procurando não evocar suspeitas nem numa pedra do calçamento do cais, fui saindo do porto e observando a calma de fato da cidade sem chamar a menor atenção sobre mim, como se realmente eu não estivesse observando coisa alguma, como se entre o meu olhar e aquela cidade existisse um oco invisível. Eu não mirava nada com demora: árvore, carro, criança, cachorro, guarda, mulher amorenada como quase todas do lugar, entre mim e essa imagens havia como que um intervalo partido, um umbral instransponível, um não sei mais como dizer de tão carente e fosco. (NOLL, 2008, p. 134).

Podemos ver abaixo, como as cidades aparecem nas narrativas de Noll:

> O narrador de *Rastros de Verão* deambula pelas ruas de Porto Alegre, procurando algo que nem ele mesmo sabe o que é e o de *Hotel Atlântico* chega ao Rio de Janeiro para, imediatamente, partir em direção a Porto Alegre, passando pelo Paraná e por Santa Catarina. Em *O quieto animal da esquina*, Rio de Janeiro e Paraná estão novamente em foco. (...) Finalmente, em *Harmada* e em *A céu aberto* há mudanças de cenografia. No primeiro, trata-se de uma cidade fundada no momento mesmo da criação do texto. No segundo, alargam-se as fronteiras e desfazem-se as linhas territoriais (ainda que textualmente criadas). E a narrativa se inscreve a céu aberto. Em *Harmada*, uma fictícia cidade cenográfica é criada e, em *A céu aberto*, a cidade desaparece para dar lugar ao campo de batalha. [6]

A escrita de Noll é inflamada, inscreve o texto numa grafia porosa. Poroso (do latim *porosus*) que tem poros ou orifícios, permeável. Para Silviano Santiago: A "grafia porosa é a representação mais audaciosa de um corpo que é excremento, esperma e palavra, que é vida e celebração da casa, que é busca e entrega sem limites." (SANTIAGO, 2002, p. 77-78). Uma

[6] SILVA, Regina Celi Alves da. *Reserva do não-visto. João Gilberto Noll: Literatura e Cinema.* (UERJ). Disponível em: <http://www.filologia.org.br/vcnlf/anais%20v/civ3_11.htm>.

grafia permeável a outras formas e enunciações.

Em *A céu aberto* (1996) não há a descrição de uma cidade, em seu lugar se configura um campo de batalha. O personagem indaga: Como encontrar o campo de batalha onde o pai estava em guerra? O corpo do irmão arde em febre e ele não sabe, nada sobre contra quem o pai lutava e nem se nessa luta havia a melhor causa. Eles não tinham mais ninguém só um ao outro, o personagem-narrador ressalta. Aqui é importante ressaltar, uma rasura no lugar do pai, da lei e do interdito e a horizontalidade das relações, através da ação que se transcorre na narrativa com uma relação com o irmão. A narrativa inscreve uma outra configuração de parentesco, uma configuração familiar na qual o lugar do pai está vazio, onde ele não é o centro, onde é possível o surgimento de novas alianças entre irmãos, "uma função fraterna", complementar a função paterna na constituição do sujeito, se lembramos da discussão proposta por Maria Rita Kehl (2013). Uma rivalidade inconsciente pela imposição do UM, no lugar do pai, é relativizada ou reposicionada. Caminham para o campo de batalha, no qual a guerra não parece estar num lugar distante, mais neles mesmos, a guerra parece ser pela própria vida, para dar sentido a ela. O personagem e seu irmão doente seguem a procura do pai sem muitas certezas desse encontro e se nele encontrarão o apoio que necessita.

> Sacudi o meu irmão na cama ao lado e perguntei se ele ouvira as badaladas do sino ao meio-dia... ao meio-dia de ontem ou de hoje?, eu mesmo perguntei distraído. O meu irmão fazia um ar atordoado e esfregou os olhos. Percebi as unhas suja dele e me bateu uma impertinente vontade de chorar. O meu irmão parecia pálido e pensei que no dia seguinte eu o levaria a correr por todas as campinas, para que voltasse para casa corado. Então amanheceu. E nós dois saímos do sono quase ao mesmo tempo. Primeiro eu, que era um pouco maior, depois ele que veio abrindo os olhos escuros com um suor nas têmporas. Toquei no seu braço, a pele estava fria. A mão tremia. Eu era o mais velho, eu precisava fazer alguma coisa pela saúde do meu irmão. Pensei logo no nosso pai. A gente não tinha mais ninguém. (NOLL, 2008, p. 9-10).

É presente a referência a um certo entorpecimento ou letargia diante da realidade. Diante da necessidade de escrever e os ruídos do cotidiano, através das batidas de estacas numa obra perto do paiol, ele sugere:

> Não posso pedir para o sujeito parar porque terei a cidade inteira contra mim; mas se eu fizer o favor de me retirar para bem longe para escrever a minha peça, me diga que mortal que leva a vida por aqui não acharia uma boa solução? Passarei a escrever à noite não importa, enquanto você fica no paiol vigiando eu fico aqui escrevendo a minha peça como se costurasse as horas submersas que tal? Não acha uma boa você chegar de manhã para dormir e me encontrar me preparando também para o sono, e quem diz que não poderemos até de vez em quando um entrar no sono do outro, sono repito e não sonho, sonho nem existe é só uma lembrança meio oca que temos ao acordar, uma lembrança vazia que aí sim ao acordar povoamos de sonhos, tudo não passa de um buraco negro do sono em que sem sentir enxertamos ao acordar fantasmas descendentes de uma região tão reduzida, tão inframental que já não se contém em si e transborda e sonha justamente expelindo seus fantasmas para que povoem mais um

> buraco negro do sono. (NOLL, 2008, p. 99-100).

Diante da solidão o protagonista de *A céu aberto* chega a afirmar que seu mal-estar é tão grande e insolúvel que pensa em se matar, pois: "Só não queria incomodar ninguém com o estorvo do meu corpo. Eu tinha de descobrir um jeito de acabar comigo deixando o meu corpo para sempre escondido dos demais". (NOLL, 2008, p. 111).

É um personagem com uma biografia partida, extraviada. Sem forças para atender a demanda de outro corpo. Um andarilho que anda a esmo, e ainda que enuncie essa busca ao pai, parece estar de mãos vazias, tendo apenas o próprio corpo como bagagem e meio para enfrentar as adversidades e para construir a si mesmo. Um desertor sem bandeira de nacionalidade para se esquentar, ninguém parece ouvir suas agruras, ninguém parece notar muito sua presença.

> ...eu era um homem só e como tal deveria seguir – esta ideia me bateu como um choque na cabeça. Que exército iria querer me incluir em suas fileiras um homem como eu?, alguém que não sabia bem a idade e que dava atenção a poucas coisas além do encaminhamento do irmão, que no mais fica à toa, sem planos para o futuro, às vezes com acentuada amnésia, em certas ocasiões com vontade de morrer, em outras com uma alegria tão insana a ponto de chorar de dor, então... sendo um homem escandalosamente desimpedido das urgências do mundo, quem iria me convocar para a guerra onde cada um deve dissolver seu andamento próprio na faina de vencer...e a indagação mais grave: que mulher, que filhos, que grandes amigos eu deixaria no cotidiano normal a sofrer a minha falta ou a doutra minha imagem acomodando na memória a vaga urna de um herói...quem me convocaria com uma biografia assim...hein? (NOLL, 2008, p. 39).

Nas palavras do narrador-personagem de *A céu aberto,* ele afirma: "eu precisava me afastar da minha identidade." (NOLL, 2008, p. 121). "O meu pai nunca se preocupou com essas coisas de registro, sempre esteve com a atenção toda posta na artilharia do exército, no perigo que seria o inimigo tomar o ápice do monte." (NOLL, 2008, p. 19).

Há uma constante demanda nas enunciações do narrador de se apagar, entregar-se a uma lentidão da vida, como se o prazo de cada coisa diante de seus olhos estivesse vencendo.

> Não pensar em nada é forçar um pouco, pensava sim, só que um pensamento espichado e que não deixava lastro nenhum na memória, tudo que era pensado ali se esvaía com a chegada da manhã, no dia seguinte você lembra apenas de uns traços que pensou durante a madrugada: um lápis contando uma história de assombração, um buraco muito fundo no alto de uma montanha, um buraco que levava ao centro de um apocalipse em constante evolução, é, umas demências assim... (NOLL, 2008, p. 68).

É nítido na narrativa como o mundo o atordoa, parece irrespirável:

> Os homens tinham nascido para associarem as coisas que viviam em eterno desconsolo por estarem soltas, alheias, desconexas, amputadas deste monumento que parece reinar no céu à noite – o drama? é que essa associação das coisas efetuada pelos mortais é regida pelo puro acaso, pois trata-se apenas de uma construção mental e não do eco de alguma realidade; (....) o homem para ser minimamente feliz deveria fazer de conta que acredita nessa construção, só isso: o

> segredo da serenidade de espírito estava na capacidade de fingir que se aceita, sim, que se aceita essa louca fabulação para se alcançar uma espécie de impermeabilidade entre essa grande falha do Nexo, é, assim mesmo, com N maiúsculo, pois esse conceito aí é uma casa que alugamos em certos períodos para nos abrigarmos da guerra entre todas as coisas avulsas: um refúgio, um verdadeiro spa contra o stress do contra-senso. (NOLL, 2008, p. 107).

Noll é um poeta, como eu já disse, um ser intuitivo, que sabia antes, que carregava em si as dores e as alegrias da existência. Conhecia muito bem a sociedade em que vivia. Penso que até mesmo essa indiferença já lhe era companheira. Sua voz gritava em suas obras, nada o consolou. Esse grito ainda ecoa, poucos conseguiram ouvir, pouco ouvirão, pois o que sua obra diz incomoda, desestabiliza, é preciso querer ser outro para ter coragem de enfrentá-la. Nas palavras de Nietzsche sobre esse tipo de homem póstumo, que o seu tempo não consegue compreender, entendemos que:

> O homem intuitivo, em meio a uma civilização, colhe desde logo, já de suas intuições, fora a defesa contra o mal, um constante e torrencial contentamento, entusiasmo e redenção. Sem dúvida, ele sofre com mais veemência, quando sofre: e até mesmo sofre com mais frequência, pois não sabe aprender da experiência e sempre torna a cair no mesmo buraco em que caiu uma vez. No sofrimento, então, é tão irracional quanto na felicidade, grita alto e nada o consola. (NIETZSCHE, 1996, p. 60).

Referências

AJZENBERG, Bernardo. “A céu aberto” ilumina a escuridão de João Gilberto Noll. Folha Ilustrada. São Paulo, 9 de novembro de 1996. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/1996/11/09/ilustrada/1.html>. Acesso: 02. Abril. 2018.

BORGES, Antonádia. Prefácio. Aconteceria o mesmo com a Antropologia? In: *Rastros das Socialidades:* Conversações com João Gilberto Noll e Luiz Ruffato. São Paulo: Annablume, 2014.

BRAYNER, Aquiles Ratti Alencar. *Body, Corporeal Perception and Aesthetic Experience in the work of João Gilberto Noll.* Phd. Brazilian Literature. King’s College. University of London, January, 2006.

CAMARGO, Fábio Figueiredo. *A Transfiguração narrativa em João Gilberto Noll:* A céu aberto, Berkeley em Bellagio e Lorde. Tese (Doutorado em Literaturas de Língua Portuguesa). – Programa de Pós-Graduação em Letras. Universidade Católica de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2007.

CARPINEJAR, Fabrício. "João Gilberto Noll foi assassinado". 30/03/2017 - 15h09min-18h08min. Disponível em: https://gauchazh.clicrbs.com.br/cultura-e-lazer/livros/noticia/2017/03/fabricio-carpinejar-joao-gilberto-noll-foi-assassinado-9760397.html.> Acesso em: 30. mar.2017.

CERTEAU, Michel. Capítulo X. A Economia Escriturística. In: *A invenção do cotidiano.* Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

CHARTIER, Roger. Écouter les morts avec les yeux. 11 Octobre 2007. Leçons Inaugurales du Collège de France (n°. 195). Chaire Ècrit et Cultures dans l´Europe Moderne. Collège de France/ Fayard, 2008. (Imprimé en Espagne).

KEHL, Maria Rita. Em defesa da família tentacular. Disponível em: <http://www.psicologiasdobrasil.com.br/maria-rita-kehl-em-defesa-da-familia-tentacular/.>. Acesso em: 13.03.2016.

NIETZSCHE, Friedrich. *Assim falou Zaratustra.* São Paulo: Martin Claret, 2000.

_____. Sobre verdade e mentira no Sentido extra-moral. (1873). *Obras Incompletas. Os Pensadores.* São Paulo: Editora Nova Cultural, 1996.

NOLL, João Gilberto. *A céu aberto.* Rio de Janeiro: Record, 2008.

_____. *A céu aberto.* São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

_____. Depoimentos: *O avesso do conhecimento.* In: O lugar do escritor de Eder Chiodetto, Cossac & Naify. Correio Brasiliense. 10 de novembro de 2002. João Gilberto Noll. Disponível em: http://www.joaogilbertonoll.com.br/. Acesso em: 05. Abril. 2018.

_____. *Rastros do verão*. Rio de Janeiro: Rocco, 1990.

PLAMONDON, Luc; COCCIANTE, Richard. L´amour existe encore. Celine Dion. Dion Chante Plamondon, CD/Cassete Single. Canadá: Columbia- Epic, 1991.

SANTIAGO, Silviano. O Evangelho segundo João. In: *Nas Malhas da Letra:* ensaio. Rio de Janeiro: Rocco, 2002, p. 77-78; 72.

SILVA, Cristina Maria. Rastros das socialidades: Conversações com João Gilberto Noll e Luiz Ruffato. São Paulo: Annablume, 2014.

SILVA, Regina Celi Alves da. *Reserva do não-visto. João Gilberto Noll: Literatura e Cinema.* (UERJ). Disponível em: < http://www.filologia.org.br/vcnlf/anais%20v/civ3_11.htm>.

SOUSA, Ilza Matias. *Arte amorosa e devoração literária*. Tese (Doutorado em Literatura Comparada) – Programa de Pós-Graduação em Letras. Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 1993.

Recebido em 2018-04-14
Publicado em 2018-04-14